

issn: 2176-5960



**Προμηθεύς**  
journal of philosophy

n. 35 January/April 2021



## “TUDO É DESERTO”: UM ENSAIO SOBRE O CANSAÇO EM ÁLVARO DE CAMPOS

**Luiza Fonseca Regattieri\***

**RESUMO:** Este ensaio lança um olhar sobre as poesias de Álvaro de Campos e busca entender como a sua insistência pela totalidade e seu recuo ao nada emergem de uma mesma vontade. Em diversos poemas Campos expressa um desejo de comunhão com o mundo que o extasiaria à completude. Mas esse desejo é continuamente interrompido ou por uma nostalgia com a infância que marca o momento anterior a esse anseio pela totalidade ou por um lamento com a impossibilidade de satisfação que o faz recuar e reduzir a totalidade intangível ao nada. O que parecem duas maneiras distintas de encarar seu próprio desejo se aproximam, pois essa vontade de absoluto (tudo e nada) só consegue resultar em cansaço. Campos se esforça nas poesias para elaborar o momento em que toda a vontade seja satisfeita ou aquele que preceda qualquer vontade, no qual enfim não haja mais que se esforçar, finalmente consolo ao cansaço, mas nesse movimento ele acaba por salvar a própria vontade da qual tenta escapar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Álvaro de Campos. Totalidade. Cansaço.

**ABSTRACT:** This essay takes a glance at Álvaro de Campos poetry and seeks to understand how his insistence on wholeness and his retreat into nothingness emerge of the same will. In several poems Campos expresses a desire for communion with the world that would enthrall him to completeness. But this desire is continually interrupted either by a childhood nostalgia that marks the moment before this yearning for wholeness or by a lament with the impossibility of satisfaction that makes him recede and reduce the intangible wholeness to nothingness. At this point what seems like two different ways of facing his own desire approach, because this desire for the absolute (everything and nothing) can only result in tiredness. Campos strives in poetry to elaborate the moment when all will is satisfied or the moment before any will emerge, in which at last there is no more effort to strive for, finally the end of tiredness, but in this movement he ends up saving the very will from which he wishes to escape.

**KEYWORDS:** Álvaro de Campos. Wholeness. Tiredness.

---

\* Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bolsista CNPq. E-mail: luizaregattieri@gmail.com

## INTRODUÇÃO

Como um Hamlet às avessas Álvaro de Campos não se propõe “ser ou não ser”<sup>1</sup>, mas ser e não ser. “Porque eu desejo impossivelmente o possível,/ Porque quero tudo, ou um pouco mais, se puder ser,/ Ou até se não puder ser...” (PESSOA, 1934a, online), ele deseja ser a diversidade possível, mas de uma maneira total, impossivelmente completa onde nada possa faltar. Campos não quer “a média entre tudo e nada” (Ibidem), ele quer tudo e nada. Então o que lhe resta é ser apenas na hipótese, seu ser é naquilo que escapa dos versos que seus poemas não dizem, porque não se pode nomear isso a que nada falta. Seu ser se dá apenas na ideia de ser o todo. “E o resultado?/ (...)/ Para mim só um grande, um profundo,/ E, ah com que felicidade infecundo, cansaço,/ Um supremíssimo cansaço,/ Íssimo, íssimo, íssimo,/ Cansaço...” (Ibidem).

## A TOTALIDADE

“Sentir tudo de todas as maneiras,/ Viver tudo de todos os lados,/ Ser a mesma coisa de todos os modos possíveis ao mesmo tempo,/ Realizar em si toda a humanidade de todos os momentos/ Num só momento difuso, profuso, completo e longínquo.” (PESSOA, 1916, online). As palavras *tudo* e *todo* tão repetidas por Álvaro de Campos surgem como o âmago e o limite de sua poesia. Como se a partir delas a busca iniciada no sentir, viver, ser, realizar retornasse sobre si, retomando o movimento do verbo e forçando a palavra ao limite, isto é, à poesia. “Afinal, a melhor maneira de viajar é sentir./ Sentir tudo de todas as maneiras./ Sentir tudo excessivamente” (PESSOA, s.d.a, online). O poema expressa a busca de algo que a palavra não pode nomear, mas ao escrever sobre aquilo que é sem-nome Campos recai em *tudo*.

“Tudo” aponta para a possibilidade de se dizer infinitamente na tentativa de nomear pela generalidade da totalidade aquilo que pode e não pode ser nomeado. Paradoxalmente, no entanto, ele suspende o dito pois cessa a nomeação pela indefinição e assim abre-a ao indizível. Como descreve Eni Orlandi, essa fissura no dito abre a palavra à “errância dos sentidos” (ORLANDI. 1993, p. 13), mas é constitutivo da própria linguagem.

---

<sup>1</sup> Devo essa comparação a Túlio Maia Franco numa conversa sobre as poesias de Campos.

Todo dizer é uma relação fundamental com o não dizer. Essa dimensão nos leva a apreciar a errância dos sentidos (a sua migração), a vontade do “um” (da unidade, do sentido fixo), o lugar do *nonsense*, o equívoco, a incompletude (lugar dos muitos sentidos, do fugaz, do não apreensível), não como meros acidentes da linguagem, mas como o cerne mesmo de seu funcionamento. (Ibidem)

A totalidade surge como uma fissura na poesia de Campos no ambíguo papel de *todo* que finda a nomeação e ao mesmo tempo a abre à sua própria infinidade pela indefinição. Este limite que a palavra encontra no *todo* impulsiona a escrita que procura significar a própria totalidade. No entanto, somente se pode *apontar* para o *todo* através e a partir da palavra (HOMEM. 2012, p. 33), mas nunca o capturar. Esse movimento aparece de maneira precisa nos poemas abordados aqui.

Quanto mais eu sinta, quanto mais eu sinta como várias pessoas,  
 Quanto mais personalidades eu tiver,  
 Quanto mais intensamente, estridentemente as tiver,  
 Quanto mais simultaneamente sentir com todas elas,  
 Quanto mais unificadamente diverso, dispersadamente atento,  
 Estiver, sentir, viver, for,  
 Mais possuirei a existência total do universo, (PESSOA, s.d.a,  
 online)

Como nos versos acima Campos persegue a totalidade na quantidade e intensidade. Talvez por um momento possa parecer que ele busca a soma dos múltiplos estridentes: pessoas, personalidades, sentimentos, etc. Contudo, seguem os versos do poema em uma vontade incendiária “Sou uma chama ascendendo [...] / para todos os lados” (Ibidem), Campos deseja incinerar seus limites “queimando / A crosta dos meus sentidos, o muro da minha lógica, / A minha inteligência limitadora e gelada” (Ibidem), seu desejo pelo múltiplo recai na busca daquilo que ele nomeia como “tudo”, “sou um globo / De chamas explosivas buscando Deus” (Ibidem) e “seja ele quem for, com certeza que é Tudo” (Ibidem).

“Tudo” é convocado nos versos como um excesso-limite do inominável, como se ao trazê-lo fosse possível dar conta, significar um *mais que o múltiplo* inalcançável pela palavra. Há então um duplo aspecto na totalidade, ao mesmo tempo ela deixa em aberto a lista do múltiplo ao infinito abstrato do “tudo” e marca o limite da palavra com a nomeação do fim da possibilidade de nomear. Nesse sentido, “tudo” é na sua poesia o ponto de esgarçamento da palavra, onde ela se abre e se corrói pela abertura. Por isso é tão recorrente para Campos que “tudo” não apenas englobe o nada, já que é tudo, mas que se torne nada, vazio, homogêneo.

Grandes são os desertos, e tudo é deserto.

Não são algumas toneladas de pedras ou tijolos ao alto  
Que disfarçam o solo, o tal solo que é tudo.  
Grandes são os desertos e as almas desertas e grandes —  
Desertas porque não passa por elas senão elas mesmas,  
Grandes porque de ali se vê tudo, e tudo morreu. (PESSOA, 1930,  
online)

Quando o múltiplo contável e nomeável se generaliza no “tudo”, ele perde a possibilidade do diverso e da diferença, pois perde os limites que caracterizam a multidão e se torna massa, unidade. Também não há sequer indiferença, querer a totalidade é não poder desprezar nada. Por mais que a vontade do eu-lírico seja ser “unificadamente diverso” (PESSOA, s.d.a, online), o que ele encontra ao ser diversidade na unidade de si é deserto, uniformidade. Ele encontra o grande, quase como se estivesse ali um implícito *grande demais*, algo além da conta, já sem forma. Pois grande não pode ser expresso pela quantidade, “toneladas de pedras ou tijolos” (PESSOA, 1930, online), em particularidades; grande é incontável deserto, solitário, solo, amorfo. As quantidades apenas disfarçam a imensidão que é tudo, elas são pouco frente a tudo, elas distraem do todo. Grandes e desertas são as almas assim como o pensamento, que só pode dar lugar a pensamentos e assim é solo, solitário.

Neste esgarçamento das palavras “tudo” e “todo” nos poemas de Campos aparece uma tensão através da latência de dois sentidos. Se por um lado, em *Ode Triunfal* lemos o entusiasmo elétrico que nomeia em enormes listas o desejo de sentir e ser as mais diversas formas:

Hé-lá as ruas, hé-lá as praças, hé-lá-hô la foule!  
Tudo o que passa, tudo o que pára às montras!  
Comerciantes; vários; escrocs exageradamente bem-vestidos;  
Membros evidentes de clubes aristocráticos;  
Esquálidas figuras dúbias; chefes de família vagamente felizes  
E paternais até na corrente de oiro que atravessa o colete  
De algibeira a algibeira!  
Tudo o que passa, tudo o que passa e nunca passa!  
Presença demasiadamente acentuada das cocotes  
Banalidade interessante (e quem sabe o quê por dentro?)  
Das burguesinhas, mãe e filha geralmente,  
Que andam na rua com um fim qualquer;  
A graça feminina e falsa dos pederastas que passam, lentos;  
E toda a gente simplesmente elegante que passeia e se mostra  
E afinal tem alma lá dentro!

(Ah, como eu desejaria ser o souteneur disto tudo!)

A maravilhosa beleza das corrupções políticas,  
Deliciosos escândalos financeiros e diplomáticos,  
Agressões políticas nas ruas,

E de vez em quando o cometa dum regicídio  
Que ilumina de Prodígio e Fanfarra os céus  
Usuais e lúcidos da Civilização quotidiana!

Notícias desmentidas dos jornais  
Artigos políticos insinceramente sinceros,  
Notícias passez à-la-caisse, grandes crimes —  
Duas colunas deles passando para a segunda página!  
O cheiro fresco a tinta de tipografia!  
Os cartazes postos há pouco, molhados!  
Vients-de-paraître amarelos como uma cinta branca!  
Como eu vos amo a todos, a todos, a todos,  
Como eu vos amo de todas as maneiras,  
Com os olhos e com os ouvidos e com o olfacto  
E com o tacto (o que palpar-vos representa para mim!)  
E com a inteligência como uma antena que fazeis vibrar!  
Ah, como todos os meus sentidos têm cio de vós! (PESSOA, 1914a,  
online)

Em que “todo” parece o folego necessário para Campos continuar nomeando numa vontade voraz de vida essa multiplicidade buscada, pois o poema continua a citar:

Aubos, debulhadoras a vapor, progressos da agricultura!  
Química agrícola, e o comércio quase uma ciência!  
Ó mostuários dos caixeiros-viajantes,  
Dos caixeiros-viajantes, cavaleiros-andantes da Indústria,  
Prolongamentos humanos das fábricas e dos calmos escritórios!  
(Ibidem)

Por outro lado, se voltamos para o “tudo” de *Grandes são os desertos, e tudo é deserto* nos deparamos com a desistência da vida que é grande demais e perde o valor: “Grande é a vida, e não vale a pena haver vida” (PESSOA, 1930, online). Aqui o múltiplo é pouco, pois se entregar a uma sensação é obstáculo a sentir tudo, se entregar a um eu denega ser todos os outros. Mas nessa vontade de completude o eu-lírico refugia-se ali de onde “se vê tudo” (Ibidem), na alma, no pensamento, no deserto, no “tudo” que só é tudo por não ser nada em particular.

Na ânsia de realidade Campos vai à poesia sentir e exprimir o excesso, “Porque todas as coisas são, em verdade excessivas/ E toda a realidade é um excesso, uma violência” (PESSOA, s.d.a, online) e “A poesia existe para exprimir aquilo que as acções e os gestos não podem exprimir” (PESSOA, 1917, online). Mas como a poesia exprime a realidade? Seriam as palavras o verdadeiro excesso das coisas? E esse excesso está na realidade como quer Campos, ou é inaugurado pela palavra?

O que é uma palavra? A reprodução de um estímulo nervoso em sons. Mas deduzir do estímulo nervoso uma causa fora de nós já é o resultado de uma aplicação falsa e injustificada do princípio da razão.

Como poderíamos, caso tão-somente a verdade fosse decisiva na gênese da linguagem, caso apenas o ponto de vista da certeza fosse algo decisório nas designações, como poderíamos nós, não obstante, dizer: a pedra é dura; como se esse “dura” ainda nos fosse conhecido de alguma outra maneira e não só como um estímulo nervoso totalmente subjetivo. [...] Ele [o falante da linguagem] designa apenas as relações das coisas com os humanos e, para expressá-las, serve-se da ajuda das mais ousadas metáforas. De antemão, um estímulo nervoso transposto em uma imagem! Primeira metáfora. A imagem, por seu turno, remodelada num som! Segunda metáfora. E, a cada vez, um completo sobressalto de esferas em direção a uma outra totalmente diferente e nova. (NIETZSCHE, 2008, §1 p. 30)

Se pensarmos a linguagem como Nietzsche a descreve: a palavra como metáfora acústica de uma imagem que é também metáfora de algo que só podemos designar ainda como metáfora o “estímulo nervoso” (Ibidem). Então, aquilo mesmo que a palavra designa se perde e se afasta a cada vez que tentamos alcançá-lo. A ponto de que se perguntássemos “do que ‘tudo’ é metáfora?” só poderíamos responder com mais metáforas, deslocamentos e desvios. Afinal, não seriam as palavras “pontes aparentes entre aquilo que se acha eternamente separado?” (NIETZSCHE, 2006, *O convaléscente* § 2 pX).

No entanto, a questão que destaco é que “tudo” não é *inadvertidamente* metáfora de outra metáfora. Ele não é apenas uma tentativa de englobar os nomes de cada coisa que o compõe, ele é convocado por Campos como a metáfora do limite da metáfora (da palavra). “Tudo” marca a impossibilidade de continuar a nomear, isto é, cessa a nomeação e representa o inominável. Dessa forma, ele aparece como metáfora do conjunto daquilo que se nomeou e também de cada palavra possível, mas inaudita, virtual. Mas além disso, ele é ainda metáfora daquilo que é impossível na palavra. Assim, “tudo” é usado por Campos como metáfora de um paradoxo: da possibilidade e da impossibilidade de nomear. Ele é o ruído confuso que emite a morte da forma visível: “Acordo na noite e sinto-me diverso. Todo o Mundo com a sua forma visível do costume, Jaz no fundo dum poço e faz um ruído confuso” (PESSOA, s.d.a, online). Ele é este som da morte das formas pois ele marca que não há mais a necessidade de cada palavra designando cada coisa, mas ele é ainda um som confuso, isto é, ele é também o som daquilo que sequer a palavra contém. O inominável aqui evidenciado pelo “tudo” é aquilo que mesmo o nome não consegue significar, como descreve Jean-Luc Nancy:

O inominável não é um real que supera toda nomeação, ele é o que todos os nomes nomeiam sem nunca significá-lo: ele é a própria razão

da linguagem, a razão que sempre o devolve novamente ao chamado que o abre e que o forma. (NANCY. 2017, p. 63).

Nesse sentido, ele não é a soma do que Campos listou e cada coisa que ele não pode mais listar, mas representa o movimento infinito de alcançar a completude, abstraído na nomeação “tudo”. Assim, o limite da vida que Campos tenta romper através da poesia – poesia que é sua alma e seu pensamento, se no extremo pensarmos, que heterônimo, Álvaro de Campos aparece pela palavra – retorna no limite da nomeação.

Este “tudo” que não sustenta qualquer objeto aos verbos que acompanha, “Sentir tudo de todas as maneiras./ Sentir tudo excessivamente” (PESSOA, s.d.a, online), justamente porque aponta ao indizível, só consegue retomar o verbo e mantê-lo no infinitivo num ciclo sem objeto de sentir. O objeto seria o equilíbrio através da forma de ser ou sentir, uma unidade da qual Campos quer escapar:

Sou um formidável dinamismo obrigado ao equilíbrio  
De estar dentro do meu corpo, de não transbordar da minh'alma.  
Ruge, estoura, vence, quebra, estrondeia. sacode,  
Freme, treme, espuma, venta, viola, explode.  
Perde-te, transcende-te, circunda-te, vive-te, rompe e foge, (Ibidem)

Esta vontade de fugir de *uma* forma e poder transbordar é insatisfeita e só pode se dar enquanto vontade. Campos se vê obrigado ao equilíbrio e tenta escapar através da poesia, mas na possibilidade de ser diverso pela palavra o poeta recai no seu limite. É nas voltas com a diversidade que ele peleja para ser vários, mas reencontra a unidade na totalidade.

A totalidade aparece nos poemas por não poder aparecer. Ela funciona como o limite da expressão e do poema ao mesmo tempo que inclina para o ilimitado da busca no sem fim da totalidade almejada. Buscar ser, sentir, viver e desejar todo o possível que é inominável e que como não tem forma acaba por retornar: ser o ser, sentir o sentir, viver o viver, desejar o desejar. A busca se dobra sobre si mesma porque buscar o todo é não encontrar: “Por isto tudo, ter pensado o tudo./ É o ter chegado deliberadamente a nada.” (PESSOA, 1934, online).

Dessa maneira, a recusa de Campos do não-todo da vida e seu sentimento de insuficiência dos gestos e ações o conduzem à poesia, que no limite, isto é, no “tudo”, abre uma eterna recorrência à própria busca. Nesse sentido, assim como o inominável é a própria razão da linguagem pois é seu empuxo, “tudo” é tal empuxo para a poesia de

Campos. O pronome indefinido dirige-se ao indizível, através da nomeação ele orienta no sentido à inomeação (NANCY, 2017, p. 62). Ele é o limite não fixo da poesia, pois “tudo” em sua indefinição vacila, cessa a nomeação abrindo-a à busca indefinida e retomando a própria busca como poesia.

### O CANSAÇO

A tensão que esse pronome sustenta na poesia de Campos se mostra na postura do eu-lírico diante da busca, seja entusiasmada ou desistente, trata-se de uma postura cansada. Algo como um cansaço de ser a si mesmo que impulsiona a vontade de ser outro, mas também um cansaço do excesso do mundo na impossibilidade de ser a totalidade desses tantos outros que o faz recuar e desistir.

Há nos poemas de Campos uma passagem entre um *sim* ao mundo: “Eu adoro todas as coisas/ E o meu coração é um albergue aberto toda a noite./ Tenho pela vida um interesse ávido/ Que busca compreendê-la sentindo-a muito.” (PESSOA, s.d.b, online) E uma vontade destruidora do mundo: “Volta amanhã, realidade!/ Basta por hoje, gentes!/ Adia-te, presente absoluto!” (PESSOA, 1930, online). Essa passagem é um lamento: “Ah não ser eu toda a gente e toda a parte!” (PESSOA, 1914a, online). Esse lamento marca dois cansaços nos poemas de Campos imiscuídos um no outro: um cansaço de ser apenas a si mesmo e um cansaço de não poder ser todos os outros.

Vida cosmopolita atirada aos quatro ventos...  
 Vida de tanta gente real a bordo de tantos navios...  
 Embriaguez de lidar com outra gente e saber que eles existem e têm  
 vidas passadas, preparadas, gozadas,  
 Sofridas, e tão curioso o traje, interessante a moral, de cada pessoa,  
 E tão cheio de enigmas e de metafísicas o modo como falam, como  
 riem, como arranjam o cabelo, como se entendem uns com os outros...

Sensação metafísica das outras pessoas e das suas realidades, e do seu  
 décor...  
 Ó doença humanitária dos meus nervos vibrando cheios de outras  
 pessoas,  
 Volúpia de gozar e sofrer através de hipóteses dos outros...  
 E eu ser só eu, só eu eternamente, e não ter outras vidas senão a  
 minha! (com as malas feitas e tudo a bordo) (PESSOA, s.d.c, online)

O filósofo Byung-Chul Han pensa sobre esses dois modos de cansaço em sua obra *Sociedade do cansaço*. Nela Han explora dois tipos de cansaços originalmente apresentados pelo escritor austríaco Peter Handke em seu *Ensaio sobre o cansaço* (*Versuch über die Müdigkeit*). Han descreve um dos cansaços nomeado por Handke de “mais do menos eu” (HANDKE, *Versuch über die Müdigkeit*. Apud HAN. 2015, p. 72): “Um



cansaço como tornar-se acessível, sim, como plenificação do ser tocado e mesmo do poder tocar”(Ibidem); e um outro cansaço que é solitário, sem mundo, destruidor do mundo, o qual Han nomeia de “cansaço-eu” (HAN. 2015, p. 72).

O cansaço, enquanto “mais do menos eu” abre um *entre* na medida em que afrouxa as presilhas do eu. Eu não só vejo simplesmente o outro, mas eu próprio sou o outro e “o outro trona-se igualmente eu”. [...] No tornar-se menos do eu, desloca-se o peso do ser do eu para o mundo. É um “cansaço que confia no mundo” [...]. Ele “abre” o eu, torna-o “permeável” para o mundo. (Ibidem)

Esses cansaços não se confundem com o esgotamento. O cansaço, ressalta Han, ao contrário do esgotamento se relaciona com uma potência negativa, a potência de não fazer. Já o esgotamento se relacionaria com a impotência, isto é, a incapacidade de fazer algo. Han distingue duas potências: a positiva e a negativa. A positiva seria a potência de fazer algo, já a negativa é a potência de não fazer algo (HAN. 2015, p. pg 57). A impotência, por sua vez, como incapacidade de fazer algo é contrária à potência positiva, mas ela mesma é positiva porque ainda está ligada a algo, “Ela não é capaz de alguma coisa” (Ibidem). Nesse sentido, Han conclui que a potência negativa (não fazer) como a do cansaço é aquilo que permite fazer pausas, hesitar, ele a chama de “*não-para*” (HAN. 2015, p. 58).

A “negatividade do *não-para* é também um traço essencial da contemplação” (Ibidem), pois ela permite uma descontinuação da vida ativa, um parar de fazer, uma pausa para observar e sentir. Nesse sentido, o cansaço permite uma atenção especial, lenta e longa às formas que escapam à atenção rápida (HAN. 2015, p. 74). “O cansaço articula [...] – a confusão usual ganha ritmo através dele no bem-fazer da forma – forma, até onde alcança a vista” (Ibidem), ele “Traz de volta ao mundo a admiração”(Ibidem).

É essa mesma atenção especial que Campos admira em seu mestre Alberto Caeiro e tenta assim reproduzir nos seus poemas, como ele expõe a seguir:

É que os seus versos não me fazem pensar: fazem-me sentir; e não me fazem sentir amor, ódio, qualquer paixão ou emoção comercial — fazem-me sentir as coisas como se eu estivesse olhando para elas com um grande interesse e atenção. [...] Eu atravesso a vida para olhar para ela. Tudo é paisagem para mim, como para o bom *tourist* — campos, cidades, casas, fábricas, luzes, bares, mulheres, dores, alegrias, dúvidas, guerras (...). Quero, para aproveitar a minha viagem, sentir o maior número de coisas no mais pequeno espaço de tempo possível. Sentir tudo de todas as maneiras, amar tudo de todas as formas, tocar e ver coisas e não lhes pegar, passar por elas e não olhar para trás — parece-me o único destino digno dum poeta. (PESSOA, 1917, online)

Eu diria que este cansaço do “mais do menos eu” é erigido através da poesia de Campos. O desejo de se ultrapassar, de sentir “quanto mais” e de ser tantos outros, que olha para o mundo e o persegue pela palavra, um cansaço de si que “afrouxa as presilhas da identidade” (HAN, 2015, p. 75). Há nesse cansaço vontade de multiplicidade e assim se tem paciência com a forma, a descreve e a compõe através do desejo atento.

Comerciantes; vários; *escrocs* exageradamente bem-vestidos;  
Membros evidentes de clubes aristocráticos;  
Esquálidas figuras dúbias; chefes de família vagamente felizes  
E paternais até na corrente de oiro que atravessa o colete  
De algibeira a algibeira!  
Tudo o que passa, tudo o que passa e nunca passa! (PESSOA, 1914a, online)

Nesse cansaço “tudo” só surge no limite do dizível, mas não como limite da vida. Como nos versos acima de *Ode Triunfal* o mundo é descrito, composto e desejado em cada particularidade, quantidade e intensidade, se tem vontade para com o mundo. Ele persegue cada coisa até não mais conseguir dizer o que persegue e aí sim diz “tudo”. Nesse cansaço Campos observa e cria as formas, pois ele “torna pensável uma comunidade que não precisa de pertença nem de parentesco. Homens e coisas mostram-se unidos através de um *e* amistoso.” (HAN, 2015, p. 75)

Ah, poder exprimir-me todo como um motor se exprime!  
Ser completo como uma máquina!  
Poder ir na vida triunfante como um automóvel último-modelo!  
Poder ao menos penetrar-me fisicamente de tudo isto,  
Rasgar-me todo, abrir-me completamente, tornar-me passento  
[...]  
Fraternidade com todas as dinâmicas! (PESSOA, 1914a, online)

Mais do que isso, o cansaço “mais do menos eu” é o pretexto da poesia de Campos, pois é nessa criação lúdica com a nomeação que se desenha as margens do abismo que é a inomeação. A poesia de Campos se dá neste jogo de um cansaço que diz não ao “eu” para ser mais, um mais que brinca de alcançar tudo, mas que se dá no próprio movimento de tentar atingir a totalidade.

No entanto, há em sua poesia o cansaço consciente de si e que enquanto tal produz uma divisão própria ao cansaço solitário, o cansaço-eu. Uma divisão que afasta o “eu” e o “outro” intangível e que se manifesta na desfiguração do outro (HAN, 2015, p. 71-72). Nesse outro cansaço “só o eu possui a totalidade do campo de visão” (Idem, p. 71), ele destrói qualquer comunidade, é desolador.

Grandes são os desertos e as almas desertas e grandes —

Desertas porque não passa por elas senão elas mesmas,  
Grandes porque de ali se vê tudo, e tudo morreu.  
[...]  
Hoje não me resta (à parte o incómodo de estar assim sentado)  
Senão saber isto:  
Grandes são os desertos, e tudo é deserto.  
Grande é a vida, e não vale a pena haver vida.  
[...]  
Volta amanhã, realidade!  
Basta por hoje, gentes!  
Adia-te, presente absoluto!  
Mais vale não ser que ser assim. (PESSOA, 1930, online)

Se no cansaço “mais do menos eu” “tudo” é o empuxo da poesia como busca, um *não-para* o “eu” que cria um *sim para* o mundo. No cansaço solitário “tudo” é ainda o empuxo da poesia, mas como um *não-para* o mundo e um recuo ao “eu”. Agora a totalidade forja o poema porque é obstáculo ao viver, faz cessar o movimento para fora, faz recuar: “tudo morreu” (Ibidem) e “tudo é deserto” (Ibidem) então “não vale a pena haver vida” (Ibidem) e “ mais vale não ser que ser assim” (Ibidem). Afinal já se sabe que não se chegará a lugar bastante. “Tudo” deixa implícito o demais, o além da conta e assim além do alcançável que por isso faz cansar. O cansaço-eu se efetiva com a consciência do não fim da busca, não encontrar a totalidade não vale a penosa busca que é ser parcialmente, ser *não-todo*. Agora “tudo” aparece rápido nos versos, a diversidade do mundo não mais lhe precede, pois ele não é mais só o limite da palavra, mas o limite da vida que ali inaugura a palavra. Sua indefinição salta da gramática e caracteriza a vida.

Dessa forma, a poesia de Campos toca a impossibilidade de um dizer pleno e de um ser pleno ao mesmo tempo que inaugura a possibilidade de dizer e de ser do próprio Campos. Assim, “a tentativa de ‘fazer palavra’ não é vã, ao mesmo tempo que não é completa” (HOMEM, 2012, p. 33). Mas em Campos é um profundo e agudo cansaço aquilo que faz palavra e cria os versos, por isso a busca deflagra mais cansaço. Seu movimento é o de ir a partir do cansaço do eu ao absoluto “Tudo” que não é atingido; e de voltar, a partir do cansaço com a busca ao absoluto nada, “Mais vale não ser que ser assim” (PESSOA, 1930, online), que também não se alcança. Muitos dos seus poemas vivem nesse entremeio, como por exemplo, o desejo de excesso que é interrompido pela nostalgia da infância em *Ode Triunfal*.

Fauna maravilhosa do fundo do mar da vida!  
  
(Na nora do quintal da minha casa  
O burro anda à roda, anda à roda,

E o mistério do mundo é do tamanho disto.

[...]

Ó pinheirais sombrios ao crepúsculo,  
Pinheirais onde a minha infância era outra coisa  
Do que eu sou hoje...)

Mas, ah outra vez a raiva mecânica constante! (PESSOA, 1914a, online)

A infância são parênteses entre listas de desejo que se dilatam para a totalidade infinita do presente. Há nesse presente uma pausa, Campos olha para trás, para o que era e não é mais, um desejo impossível pelo desejo perdido. Os versos contam com nostalgia sobre o passado, um querer estar num tempo-espaço em que não há um tudo-além, em que há sim o burro que anda à roda e este é todo o desejo, há sim o que a vista alcança e isto é tudo. Lá o mistério do mundo não passa do tamanho do quintal de casa. Mas o que “eu sou hoje” (Ibidem) cansa porque sabe que há mundo além do quintal de casa, há mundo além do burro que anda à roda, além do que a vista alcança. Há um mundo negando a vontade de tudo e lembrando que se é e se sente não-tudo.

*Opiário* talvez seja o poema de Campos que habita com mais sutileza este entremeio de absolutos e narra este sem-lugar do eu-lírico. Se não sintetiza esses cansaços ao menos evidencia a abertura que nos leva de um ao outro, como se a abertura da palavra lembrasse o incompleto da vida. É nessa lembrança que o cansaço atinge seu ponto mais evidente e mais característico, pois não é mais apenas um cansaço mais do menos eu ou um cansaço solitário, são ambos num só cansaço.

O poema começa com o ópio e a doença “É antes do ópio que a minh'alma é doente/ Sentir a vida convalesce e estiola” (PESSOA, 1914b, online). Poderíamos dizer que a doença antes da anestesia do ópio é o cansaço. Sentir a vida convalesce, porque ela é excesso que anima o cansaço do “eu” a desejar o *quanto mais* do mundo. Assim, ela faz retomar as forças, faz do eu-lírico exposto ao mundo, aberto e sensível a ele. Mas essa abertura é sempre à busca, ao movimento de desejar que não se satisfaz, é uma corrida infinita, “O facto essencial é que estou doente./ Está corrida, amigos, esta lebre.” (Ibidem). Esse infinito redobra o cansaço, o *quanto mais* é demais, fora do alcance; o cansaço retorna agora como recuo ao “eu” e desfiguração do mundo, como cansaço da busca. Por isso sentir a vida também adoce, estiola, enfraquece. É assim que já nos dois primeiros versos do poema estamos a bordo, navegando entre o cansaço que deseja o mundo e aquele que o destrói.

Os versos seguem, “E eu vou buscar ao ópio que consola/ Um Oriente ao oriente do Oriente.” (Ibidem). O ópio consola na diminuição da sensibilidade ao cansaço, ele é a promessa da saída do cansaço para o esgotamento. Mas esse cansaço é cansaço de que? O que há em comum entre o cansaço de “eu” e o cansaço de mundo? O cansaço de “eu” faz comunidade com o mundo, o “mais do menos eu” deseja o mundo e o excesso da vida, quer tudo. O cansaço de mundo é solitário, destruidor do mundo, deseja o nada, é desertor. Nos dois cansaços há um desejo de absoluto, de tudo e de nada, ambos inalcançáveis. O cansaço então é de desejar esses impossíveis, isto é, é o cansaço da vontade<sup>2</sup>. A anestesia do ópio seria a possibilidade da indiferença absoluta, um nada de vontade, nada querer, finalmente consolo ao cansaço. No ópio há ainda a promessa do início, de ir aonde nasce a busca, seja de tudo ou de nada; talvez ali restaria um início anterior ao início, “um Oriente ao oriente do Oriente” (Ibidem), o momento anterior a toda vontade. Um outro Oriente ao oriente seria um antes da vontade que já é Oriente, pois vontade é o grande início dessa busca que se torna poesia, mas é também aquilo que ao dar início à busca desencadeia o cansaço. Neste lugar-princípio que cessaria o movimento o eu-lírico repousaria imperturbado pela vontade. Este desejo de estar antes, num lugar outro onde nunca se está, acaba por não permitir que se esteja em lugar algum “Não posso estar em parte alguma. A minha/ Pátria é onde não estou. Sou doente e fraco,” (Ibidem). Reencontramos em *Opiário* a nostalgia com o *antes* semelhante à lembrança da infância em *Ode Triunfal*, mas este *antes* não teve lugar sequer no passado.

Há um movimento circular vivamente marcado por esse poema que esboça a constatação de que não se consegue ser fora ou antes da vontade. É *a partir* da vontade que todo movimento se inicia mesmo que seja na tentativa de negá-la, isto é, uma vontade de não ter mais vontade. Mas é apenas *na* vontade que o movimento permanece, só enquanto há vontade de não mais ter vontade se continua a perseguir este nada de vontade. Se há poesia a própria vontade é salva, ainda que como vontade

---

<sup>2</sup> No artigo “Preliminares para ler Da Redenção em Assim Falava Zaratustra, Parte II” Gilvan Fogel analisa esse mesmo poema de Campos e fala sobre como a doença anterior ao ópio é a própria vontade: “É *antes* do ópio, porque a *vontade*, o projeto ou o programa do ópio (= substância, profundo, fundamento), isto é, da vontade de infinito, sempre já se instalou [é o pretensão ou pretensioso, presunçoso salto da vida para fora e para além da vida (soberba!) = vontade que quer o nada, mas não pode nada querer!], para que tenha, para que possa ter força a insana busca de consolo, de conforto num Oriente que a cada passo se adia, se protela e se faz sempre ao oriente do Oriente...”

cansada, mesmo que tenha sido sempre vontade de nada: “Por isto tudo, ter pensado o tudo. / É o ter chegado deliberadamente a nada.” (PESSOA, 1934, online).

Assim, mesmo a anestesia do ópio não é suficiente pois ainda há cansaço “Fumo. Canso. Ah uma terra aonde, enfim,/ Muito a leste não fosse o oeste já!” (PESSOA, 1914b, online), e lamento por não haver a origem que permitisse não o fim da vontade pela sua realização, o pôr a oeste, mas um antes do surgimento do querer. Como essa terra não há o melhor é continuar a bordo, passageiro, “Não chegues a Port-Said, navio de ferro!/ Volta à direita, nem eu sei para onde. [...]” (Ibidem), sem pátria e sem identidade, “Hoje, afinal, não sou senão, aqui,/ Num navio qualquer um passageiro/ Não tenho personalidade alguma.” (Ibidem), porque toda busca, todo movimento, toda tentativa de realização da vontade, todo o trabalho finda só em cansaço: “Trabalhei para ter só o cansaço/ Que é hoje em mim uma espécie de braço/ Que ao meu pescoço me sufoca e ampara.” (Ibidem). Cansaço que é enfim vontade, vontade de não ser sendo tudo e assim ser nada. Há um esforço imenso para não haver por fim esforço algum.

O cansaço que resta ali agora é apenas cansaço, porque é vontade de *nada de vontade*. O desejo de estagnação resta insatisfeito pois ainda há criação poética. Assim, o cansaço é essa espécie de braço que ampara e sufoca, porque tenta alcançar tudo para pôr fim a busca que ele mesmo inicia. Ele ampara na abertura do possível, com ele se pode tentar alcançar algo, apontar para o mundo, os braços erguem-se para a comunhão com o mundo; mas ele sufoca a própria busca pelo absurdo do que almeja: o infinito, buscar a totalidade é buscar nada, só resta o buscar. Nesse desejo de findar o movimento a vontade apenas retorna a ela mesma, mesmo que seja vontade de não ter vontade, recomeça e nunca cessa o esforço, essa desgastada vontade que só deseja não mais desejar só consegue se cansar.

## REFERÊNCIAS

- FOGEL, Gilvan. Preliminares para ler Da Redenção em Assim Falava Zaratustra, Parte II. In: Revista Trágica: Estudos sobre Nietzsche, V. 1, nº 1, p. 39-49, 2008. Disponível em: <http://tragica.org/artigos/01/04-gilvan.pdf>
- Han, Byung-Chul. A sociedade do cansaço. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015;
- Homem, Maria Lucia. No limiar do silêncio e da letra: traços da autoria em Clarice Lispector. São Paulo: Boi Tempo, Edusp, 2012;

Nancy, Jean-Luc. *Arquívada: de senciante e do sentido*. Tradução Marcela Vieira, Maria Paula Gurgel. 1 ed. São Paulo: Iluminuras, 2017;

Nietzsche. *Sobre a verdade e a mentira*. Tradução Fernando Moraes Barros. São Paulo: Hedra, 2008;

\_\_\_\_\_. *Assim falou Zaratustra*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011;

Orlandi, Eni. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 2 ed., Campinas: Editora Unicamp, 1993.

PESSOA, Fernando. *Ode Triunfal*. In: \_\_\_\_\_. *Arquivo Pessoa*, 1914(a). Disponível em <<http://arquivopessoa.net/textos/2459>>. Acesso em: 21 de outubro de 2019.

\_\_\_\_\_. *Opiário*. In: \_\_\_\_\_. *Arquivo Pessoa*, 1914(b). Disponível em <<http://arquivopessoa.net/textos/2456>>. Acesso em: 21 de outubro de 2019.

\_\_\_\_\_. *Sentir tudo de todas as maneiras*. In: \_\_\_\_\_. *Arquivo Pessoa*, 1916. Disponível em <<http://arquivopessoa.net/textos/821>>. Acesso em: 21 de outubro de 2019.

\_\_\_\_\_. *O que eu adoro nos seus versos não é o sistema filosófico...* In: \_\_\_\_\_. *Arquivo Pessoa*, 1917. Disponível em <<http://arquivopessoa.net/textos/3978>>. Acesso em: 21 de outubro de 2019.

\_\_\_\_\_. *Grandes são os desertos, e tudo é deserto*. In: \_\_\_\_\_. *Arquivo Pessoa*, 1930. Disponível em <<http://arquivopessoa.net/textos/2556>>. Acesso em: 21 de outubro de 2019.

\_\_\_\_\_. *O que há em mim é sobretudo cansaço*. In: \_\_\_\_\_. *Arquivo Pessoa*, 1934a. Disponível em <<http://arquivopessoa.net/textos/269>>. Acesso em: 21 de outubro de 2019.

\_\_\_\_\_. *Na véspera de não partir nunca*. In: \_\_\_\_\_. *Arquivo Pessoa*, 1934b. Disponível em <<http://arquivopessoa.net/textos/266>>. Acesso em: 21 de outubro de 2019.

\_\_\_\_\_. *Afinal, a melhor maneira de viajar é sentir*. In: \_\_\_\_\_. *Arquivo Pessoa*, s.d.(a). Disponível em <<http://arquivopessoa.net/textos/2854>>. Acesso em: 21 de outubro de 2019.

\_\_\_\_\_. *Acordar da cidade de Lisboa, mais tarde do que as outras*. In: \_\_\_\_\_. *Arquivo Pessoa*, s.d.(b). Disponível em <<http://arquivopessoa.net/textos/1012>>. Acesso em: 21 de outubro de 2019.

\_\_\_\_\_. Com as malas feitas e tudo a bordo. In: \_\_\_\_\_. *Arquivo Pessoa*, s.d.(c). Disponível em < <http://arquivopessoa.net/textos/693>>. Acesso em: 21 de outubro de 2019.